

LEITURA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA POSSIBILIDADE DE ANÁLISE DISCURSIVA¹

Nádea Regina Gaspar²

Daiana Ellen Canato³

Angela Ferraz⁴

Introdução

Em meio a tantas diferenças textuais que se apresentam na atualidade para a análise, como suportes diferentes (livros, revistas, *sites*, etc.), tipologias distintas (narrativos, argumentativos, dissertativos, etc.), gêneros diversos (falas cotidianas, fotojornalismo, sermões, romances, etc.), materialidades discursivas múltiplas (escrita, imagem fixa, imagem em movimento, gestos, etc.), uma das questões que se torna pertinente é: – como é possível encontrar um tema discursivo quando se trata de um acervo textual composto por histórias em quadrinhos? Diante desse questionamento, um dos caminhos teóricos que vislumbramos foi o da Análise do discurso (AD) de linha francesa, sendo que neste terreno nos deparamos com universos de propostas teóricas⁵ e, diante disso, precisávamos fazer recortes.

Nesta pesquisa, buscamos compreender as orientações advindas de Guilhaumou e Maldidier (1994), e recortamos delas seus entendimentos sobre o conceito de “trajeto temático”, cujo princípio está contido no capítulo “Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história”, que se insere no livro intitulado “Gestos de leitura”. O princípio de “trajeto temático” pressupõe dois outros: o de “discurso” e o de “enunciado”, e deste modo, recorreremos, para tais compreensões, respectivamente, a Pêcheux (1997, 2008) e a Foucault (1997).

Este trabalho tem como objetivo, portanto, expor aspectos de alguns princípios teóricos da Análise do discurso (AD) de linha francesa, quais sejam: “discurso” “enunciado” e “trajeto temático”, advindos, respectivamente, de Pêcheux (1997, 2008), Foucault (1997) e Guilhaumou e Maldidier (1994), aplicando-os na análise de um acervo composto por cem exemplares de revistas

¹ Uma versão modificada deste trabalho foi publicada na Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação (RDBCI).

² Professora na graduação do Depto. de Ciência da Informação e na Pós-graduação em Ciência Tecnologia e Sociedade, Linha de Pesquisa em: Linguagens, Comunicação e Ciência, ambos da UFSCar. nagaspar@terra.com.br

³ Graduada do Curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação – UFSCar. dai_canato@hotmail.com

⁴ Graduada do Curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação - UFSCar. ferraz_angela@yahoo.com.br

⁵ Um dos textos que trata deste assunto está contido na Introdução do seguinte livro: GASPAR, Nádea Regina; ROMÃO, Lucilia Maria Sousa. **Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação** (2008).

em quadrinhos intitulada: “Sesinho”, dos quais foram analisados cinquenta e sete exemplares, no período de 2001 a 2008.

Antes de expormos aspectos sobre essas teorias e o modo como fizemos as análises nas histórias em quadrinhos, será necessário situar apontamentos sobre a história da revista “Sesinho”, e é o que será feito a seguir.

Apontamentos sobre a história da revista em quadrinhos “Sesinho”

A revista “Sesinho” é uma publicação do Serviço Social da Indústria (SESI). Ela é de cunho educativo, foi planejada e elaborada no formato de histórias em quadrinhos, e nos dias atuais sua distribuição é gratuita. Essa revista tem por objetivo transmitir conhecimentos atuais e variados, com princípios e valores como: cidadania, amizade, solidariedade, companheirismo, importância dos estudos, respeito ao meio ambiente. O personagem principal, que deu o nome homônimo a revista, o Sesinho, é um menino de sete (7) anos de idade, e nas narrativas ele se comporta como um exemplo a ser seguido, devido ao seu bom comportamento, como se pode ver na descrição do mesmo a seguir: “o Sesinho tornou-se um exemplo de menino: educado, 'gente boa', honesto e amigo, capaz de grandes gestos para auxiliar as pessoas” (SISTEMA FIEP, 2010).

A revista foi criada em 1947 e nessa época era vendida em bancas ou por assinaturas. Em 1960 ela foi cancelada. Em 1995 foram realizadas edições digitais da “Sesinho” em CD-ROM. De 2001 até hoje, com produção feita pela “Exaworld Multimedia”, a revista voltou a ser publicada na forma impressa. A partir de 2008 ela passou a ser disponibilizada tanto na forma impressa quanto digital, com o mesmo objetivo de antes, ou seja: “educar e transmitir conhecimentos de forma divertida e eficiente” e “fazer com que o público infante-juvenil se informe de maneira divertida e saudável” (SISTEMA FIEP, 2010). Buscando alcançar tais objetivos, na última fase, a revista incluiu seções internas, além das histórias centrais, dividindo-as em partes, tais como: “Sesinho informa”, “passatempos”, “curiosidades” e “o que faz?”. Essas seções procuram reiterar aspectos tratados nas histórias centrais da revista.

Atualmente, a revista compõe um dos materiais que subsidiam a rede SESI no setor educacional, e também é empregada como recurso pedagógico, contudo, ela “extrapola as

fronteiras das escolas”, já que, “além das unidades SESI, a revista é distribuída em empresas, ONG's e universidades” (SESI, 2010). Outro intuito da revista é ser um canal de conversação entre a cultura do SESI e o público infantil, pois “a Revista do Sesinho é o porta-voz do SESI junto às crianças. Seu personagem principal é um menino [...], que vive experiências semelhantes às de seu público-alvo” (SESI, 2010). Como se observa, a revista é de caráter eminentemente educativo, e o SESI reforça isso na revista em vários momentos:

As histórias do Sesinho têm como pano de fundo os diferentes temas da educação, como geografia, atualidades, saúde e ética. No entanto, muitas vezes o mais importante é aprender com o comportamento correto do personagem diante de certas situações. Além dos quadrinhos, todas as edições também trazem dicas de brincadeiras, passatempos e conteúdo de cultura geral (SESI, 2010).

A breve história, exposta acima, da revista em quadrinhos “Sesinho” não anula, contudo, algumas considerações sobre essa tipologia e também o seu uso. Não se ignora que as HQ's foram, durante muito tempo, consideradas na sua modalidade impressa, como sendo “descartável”, pois a revista é direcionada a um público infantil que muitas vezes não toma o devido cuidado com o manuseio, devido a confecção das mesmas em papel jornal; as narrativas curtas revelam situações do cotidiano impossibilitando a veracidade dos fatos e contextos narrados; seus personagens são apresentados no formato de desenhos e suas falas circunscritas por balões, contribuindo, assim, para a não veracidade da narrativa; as histórias são destinadas ao grande público, derivando disso uma leitura considerada “de massa”, e não direcionada a um público considerado culto.

Embora as histórias em quadrinhos revelem mesmo as críticas que lhe são atribuídas, e dificilmente se valem do trabalho mais cuidadoso nas análises, fato é que a revista “Sesinho”, por exemplo, dentre muitas outras, são bastante lidas. Seus leitores não se limitam somente aos alunos da rede das escolas do SESI, o que já seria um motivo animador para que elas tivessem um tratamento informacional mais adequado. Mas, elas também são bastante procuradas pelos professores que ministram aulas aos alunos da rede escolar dessa instituição, e são consultadas por eles para fins didáticos. Neste sentido, parece-nos que ocorre um processo interessante na busca por essas coleções, já que os próprios sujeitos leitores ignoram as críticas, valorizando as revistas em quadrinhos, e o que se constata é que os leitores que tem interesse por elas vão além do infantil, pois são adultos e cultos, no caso, os professores, ampliando, significativamente, a

demanda, e contribuindo, assim, para que elas sejam analisadas. Além disso, a inversão de valores ocorre na ordem das tipologias textuais, pois as revistas passam a se inserir, no caso, não somente na tipologia das “histórias em quadrinhos”, como também na de “material didático educacional”, se é que podemos colocá-la nesta classificação. Devido a isso, as revistas em questão carecem de análises mais apuradas por temas, pois isso subsidiaria sobremaneira o trabalho de elaboração das aulas dos docentes, além de elas serem um recurso a mais para as pesquisas dos discentes, caso eles necessitem recorrer a algum tema que esteja nelas exposto.

Diante desse contexto da história da revista “Sesinho” é que nos propomos a analisá-las, e para tanto, vejamos algumas orientações advindas da AD francesa, em especial, as de Pêcheux (1997, 2008), Foucault (1997) e Guilhaumou e Maldidier (1994), sobre “discurso”, “enunciado” e “trajeto temático”, para depois aplicá-los na revista “Sesinho”.

Sinalizações dos teóricos: Pêcheux, Foucault, Guilhaumou e Maldidier

Sinalizações de Pêcheux sobre o discurso

Pêcheux (1997, p. 79), buscando justificar as diferenças existentes entre a análise de texto e a Análise de Discurso diz: “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas [...] é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis”. Analisar discursos, então, “referindo-os ao conjunto de discursos possíveis”, implica, necessariamente, colocá-los no movimento de relações entre eles. As relações a que ele se refere, não são as advindas de textos focando os títulos, resumos, tópicos, capítulos, que “tratam de um mesmo assunto”, grosso modo falando. Embora esses procedimentos sinalizem para aspectos do texto para se encontrar temas, as relações de que trata Pêcheux (1997) são da ordem do discurso, e não as textuais. Certamente que os discursos encontram-se dentro dos textos a serem analisados, mas, reiteramos, são relações advindas de percursos teóricos que tratam do discurso, e não das teorias que se atém em analisar textos, embora em muitos pontos, elas se tocam, e isso será motivo para pesquisas futuras.

As propostas para se traçar o percurso analítico advindas dos teóricos da AD de linha

francesa diferenciam-se entre si, como dito no início. Os teóricos fundadores da análise do discurso, contudo, dentre eles Pêcheux (2008, p. 60, nota 5), são unânimes em afirmar que “a análise do discurso, tal como ela se desenvolve atualmente, [...] se dá precisamente como objeto, explicitar e descrever montagens, arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados”. Deste modo, “descrever arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados” é o primeiro “passo”, vamos dizer assim, para se encontrar o percurso temático.

Como, porém, a AD compreende o conceito de enunciado discursivo? Neste momento, sinalizaremos para o entendimento de Foucault (1997) sobre isso.

Sinalizações de Foucault sobre o enunciado discursivo

Foucault (1997), em “A arqueologia do saber” fundamenta os princípios para se analisar discursos, denominando sua teoria como “arqueológica”. Ele expõe, ao longo desse texto, a teoria e o percurso conceitual que o analista percorreria para encontrar os discursos, sendo que o caminho a ser traçado é: identificar o enunciado – definir a formação discursiva – compor o arquivo discursivo. Neste trabalho, e muito pontualmente, indicaremos o movimento sugerido por ele para se identificar somente o enunciado, pois é também a partir daí que poderemos observar o percurso temático. Foucault (1997, p. 99) define o enunciado como:

o enunciado [...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir do qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de atos se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) [...] ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço.

Foucault (1997) afirma que, embora o enunciado possa ser observado inicialmente via signos (escritos, visuais, sonoros, etc.), nas unidades dos textos, ou seja, texto a texto, quando o analista o coloca no movimento de relações entre os textos, os enunciados aparecem cumprindo uma “função de existência”. Devido a esta função de existência é que o teórico (1997, p. 90) ressalta que o enunciado se constitui “como um átomo do discurso”, e que ele se relaciona com outros tantos enunciados que se assemelham a ele. Para se encontrar esse “átomo do discurso” ou

o enunciado, em um grupo distinto de textos, Foucault oferece “pistas” ou procedimentos necessários que o caracterizam.

O analista, então, terá que observar os seguintes procedimentos: a “série” que revela como o enunciado reiteradamente aparece; o “sujeito” que pode ser o personagem, dentre outros, ou seja, quem faz as enunciações; o “campo associado” já que um enunciado está ligado a outros enunciados que se assemelham a ele; e a “materialidade” cujo princípio demonstra que o enunciado aparece, por exemplo, tanto no movimento da escrita quanto no das imagens. Esses princípios são o caminho para se identificar o enunciado, ou seja, o primeiro passo que o analista deve percorrer tendo em vista encontrar “o átomo do discurso”, se ele recorrer ao método arqueológico de Foucault para tal finalidade.

A compreensão de Pêcheux (1997, 2008) sobre o que seria a análise do discurso, propondo o trajeto do enunciado discursivo, e a de Foucault (1997) sobre como identificar enunciados, conduziu-nos, necessariamente, ao princípio sobre o “trajeto temático” discursivo, advindo de Guilhaumou e Malidier (1997).

Sinalizações de Guilhaumou e Malidier sobre o “trajeto temático” discursivo

Os autores Guilhaumou e Malidier (1997, p. 165–166) oferecem orientações específicas sobre o conceito de “trajeto temático”, e para tanto, apoiaram-se nos fundamentos de Pêcheux e Foucault. Os autores afirmam que “a noção de tema”,

supõe a distinção entre [...] – o conjunto de possibilidades atestadas em uma situação histórica dada – e o acontecimento discursivo que realiza uma dessas possibilidades, inscrito o tema em posição referencial. O acontecimento discursivo (...) é apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado.

Antes de se encontrar o tema, então, é necessário que o analista identifique o enunciado que se entrecruza em um momento histórico dado, sendo que o tema estaria inscrito em “posição referencial”. Além disso, os autores sugerem mais dois princípios para encontrá-lo: a observação atenta as linguagens em que os enunciados se inserem, e a identificação dos sujeitos. Vamos a eles.

Guilhaumou e Malidier (1997, p.166) explicitam que, “a análise de um trajeto temático remete ao conhecimento de tradições retóricas, de formas de escrita, de usos da linguagem, mas,

sobretudo, interessa-se pelo novo no interior da repetição”. Ou seja, o que o analista precisa ficar atento neste ponto, é que os temas aparecem de diversos modos, em diversas formas de linguagens (escrita, imagética fixa, etc.), pois há movimentos enunciativos de “reinscrição e transcrição”, como diz Foucault (1997, p. 118).

Além da identificação do enunciado por meio das diferentes linguagens textuais, outro passo para se identificar o percurso temático discursivo, é a identificação do sujeito. Guilhaumou e Malidier (1997, p.167) dizem o seguinte a esse respeito: “vemos que a análise do trajeto temático fundamenta-se em um vai-e-vem de atos languageiros de uma grande diversidade e atos de linguagem que podemos analisar linguisticamente e nos quais os sujeitos podem ser especificados”.

Para esses autores, deste modo, o trajeto temático pode ser apreendido na análise, por meio: a) dos enunciados que se entrecruzam em um dado momento histórico, sendo que o tema estaria em uma posição referencial; b) das formas de escrita, dos usos da linguagem, do novo no interior da repetição; c) dos sujeitos que podem ser especificados.

Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 480), subsidiados pela leitura de Guilhaumou e Malidier (1997), também explicitam que o trajeto temático não se relaciona “ao simples estudo da progressão temática efetuada pela análise textual. Somos confrontados com uma descrição discursiva complexa, que nos mergulha, através de leitura de arquivos, em uma multiplicidade de redes de enunciados”. Percebemos nesses autores, novamente, que antes de se encontrar o tema teríamos que identificar primeiro o enunciado discursivo, e no caso desta pesquisa, tal como o explicitamos acima, via Foucault (1997).

Diante das orientações de: Pêcheux, Foucault, Guilhaumou e Malidier, Charaudeau e Maingueneau é que buscamos aplicar seus conceitos para identificarmos um dos temas, dentre vários, que se encontra na revista em quadrinhos “Sesinho”.

Leitura e análise das revistas em quadrinhos “Sesinho” pela via da Análise de discurso francesa

Descreveremos a seguir, os resultados das análises seguindo as orientações de Pêcheux (1997, 2008), Foucault (1997), Guilhaumou e Malidier (1997), aplicando os princípios de

“discurso”, “enunciado” e “trajeto temático”, respectivamente, em uma coleção composta por cem (100) revistas de histórias em quadrinhos “Sesinho”, das quais cinquenta e sete (57) foram analisadas, no período compreendido de 2001 a 2008. Em cada uma dessas revistas há, em média, uma (1) história em quadrinhos central, e além dessas histórias centrais, analisamos também, outras seções das revistas, denominadas: “Sesinho informa”, “passatempos”, “curiosidades” e “o que faz?”.

Antecipamos, para melhor visualização das análises, que no percurso para identificar o enunciado, ou seja, aplicando os conceitos de: série, sujeito, campo associado e materialidade, e durante o movimento integral da leitura e observação dos quadrinhos no acervo das HQ's em questão, verificamos a presença de um tema, como diz Guilhaumou e Maldidier, em “posição referencial”, qual seja: **“trabalho”**.

A busca e a identificação dos enunciados discursivos só foram possíveis, portanto, além da leitura integral dos textos, pela constatação de que o tema “trabalho” é recorrente quando se observa os enunciados que serão expostos abaixo, já que o tema apareceu reiterativamente (série) nas análises. Além de o tema surgir em uma série, observamos também que havia associações entre o tema e os assuntos (campos associados), sendo que esses assuntos foram apresentados por personagens (sujeitos) distintos, mas que enunciavam sobre o mesmo tema. O tema também foi percebido por nós, no movimento relacional entre as ilustrações dos quadrinhos com a escrita (materialidades).

Vejamos no funcionamento discursivo como isso ocorreu.

Primeiro enunciado: “Trabalho em equipe”

No exemplar da Revista “Sesinho” (2004, n. 35, p. 9) a história narra que três sujeitos, os personagens Ruivo, Bocão e Sesinho, pretendiam construir uma casa na árvore, porém não obtinham consenso entre si quanto aos trabalhos para a realização da construção, então, outro sujeito, o Sesinho, lhes mostra a organização interna de uma colméia, exemplificando com isso o que seria o “trabalho em equipe”. O ambiente da colméia é apresentado de forma similar ao de uma fábrica, inclusive com as abelhas utilizando equipamentos e instrumentos, como os que operários usam. Nas figuras acima observamos, na fala do sujeito Sesinho, os seguintes dizeres:

“trabalho de equipe” e isso aparece tanto visualmente (com as abelhas) como na escrita (do balão), tendo como cenário a colméia das abelhas. Já na série interna a essa história, no final aparece novamente os três sujeitos e Sesinho dizendo: “se vocês trabalharem em equipe, como as abelhas, vai dar tudo certo!” (figura 2), enfatizando assim, o enunciado: “trabalho em equipe”. Ao seguir



FIGURA 1 – Fonte: (Revista Sesinho, n. 35, 2004, p. 9)



FIGURA 2 – Fonte: (Revista Sesinho, n. 35, 2004, p. 15).

tais conselhos, ambos entram em consenso, e eles terminam a construção da casa.

O enunciado, porém, não surge somente em um único texto, ele é vislumbrado em outros, no movimento do discurso. Neste sentido, embora não tenhamos colocado a imagem de outro exemplar da mesma revista (2001, n.10, p. 14), o enunciado “trabalho em equipe” aparece novamente, porém com palavras parecidas, sinônimas, e nessa revista, do mesmo modo, faz analogia com o trabalho das abelhas, pois o que se lê nesse exemplar é: “trabalho em grupo”. Em ambos os exemplares, contudo, temos o mesmo enunciado: “trabalho em equipe”.

Segundo enunciado: “Trabalho com ética e respeito”

No exemplar da Revista “Sesinho” (2004, n. 35, p. 15), a história aponta para a importância de se trabalhar respeitando o trabalho dos colegas, mantendo atitudes e comportamentos éticos. A figura 3 acima demonstra essa ocorrência, quando se observa novamente a fala do sujeito Sesinho, por exemplo, nos seguintes excertos textuais: “Imagine se uma abelha sabotasse o trabalho das outras, para fazer melhor que elas! /Ela estragaria o trabalho de todo mundo, até o dela! /Mas se você é legal com todo mundo os outros, com certeza, vão gostar./ Tudo fica mais difícil quando a gente está de mau humor!” O narrador assume a posição do sujeito que oferece conselhos sobre a importância do trabalho com ética e respeito, e isso fica reiterado nas imagens, revelando, assim, as consequências da ausência desta prática



FIGURA 3 – (Fonte: Revista Sesinho, n. 35, 2004, p. 12)

Em outra revista (2005, nº 49, p. 16), esse enunciado é enfatizado novamente pelos sujeitos que figuram como “bolas e uniformes falantes”, ou seja, a questão do trabalho relacionado com o respeito e a ética, pois o que se lê e se vê é outro sujeito, no caso, o técnico de futebol, que é



FIGURA 4 –(Fonte: Revista Sesinho, n. 49, 2005, p. 16).

“duro e autoritário”, como ele mesmo se autodenomina. No todo da história ele é indicado para treinar um time composto pelos sujeitos, no caso, as personagens “crianças”, mas em decorrência da maneira autoritária e rígida do sujeito técnico liderar o grupo eles não obtêm sucesso, então, no decorrer na história, o treinador é encorajado a mudar de atitude levando-se em conta o seu insucesso como treinador profissional.

Terceiro enunciado: “Qualidade de vida pelo trabalho”

Ainda no exemplar da revista (2005, n. 49, p.13), e na mesma história, é evocada a necessidade da qualidade de vida no trabalho.



FIGURA 5 – (Fonte: Sesinho, n. 49, 2005, p. 13)

Isso pode ser percebido, por exemplo, no quadrinho apresentado na figura 5, em que o sujeito “uniforme” surge dizendo: “Olhe, até as empresas estão percebendo isto. Funcionários saudáveis e felizes produzem muito mais!” Com isso, a história revela que os funcionários se sentindo satisfeitos desempenham melhor suas atividades. Interessante como esse assunto fica reinscrito nesse número da revista também na seção “atualidades”, que trata das “políticas de qualidade de vida em empresas, e tem como objetivo melhorar o bem estar dos funcionários”, e isso revela que a revista quer acentuar a importância dessa questão. Em seguida, na mesma edição da revista, ainda em outra seção, “Curiosidades”, há outra chamada indicando um “breve histórico da qualidade de vida no trabalho” e fazendo referência ao “Prêmio SESI de Qualidade no Trabalho”. Portanto, embora não tenhamos mostrado as imagens das duas últimas seções, devido à restrição necessária a todo trabalho desta natureza, os três artigos seriais dessa edição da revista revelam, por meio de sujeitos diferentes, o mesmo enunciado: “qualidade de vida no trabalho”.

Quarto enunciado: “Educação para o trabalho”



FIGURA 6 – (Fonte: Sesinho, n. 33, 2004, p. 15)

A importância da educação é associada ao trabalho na revista (2004, nº 33, p. 15), cuja capa há como título “Educação do trabalhador”. A história narra que os personagens (sujeitos crianças) encontram um sujeito que é trabalhador, o “Seu Bolacha”, e ele teve de abandonar os estudos enquanto criança, para ajudar a família. Os sujeitos crianças o incentivam a voltar a estudar por meio de programas de educação ao trabalhador, e após a conclusão desses estudos, ele consegue uma promoção na empresa. Ao final da história o “Seu Bolacha”, contando sua história pessoal de vida, incentiva crianças que não queiram estudar e faltam às aulas a se dedicarem mais aos estudos. Os quadrinhos que revelam isso são vários na história, mas destacamos a materialidade que compõem o verbal e o não verbal da figura acima, quadrinho esse que exemplifica o sujeito “Seu Bolacha” quando recebe um certificado de conclusão do ensino médio, e devido a isso, ele “tornou-se o líder da sua seção”, sendo que nessa figura ele faz um sinal de “positivo” com o polegar, pisca os olhos, e está sorrindo, demonstrando aos leitores, como se pode “subir na vida”, via estudos.

Quinto enunciado: “O estudo como trabalho”



FIGURA 7 – (Fonte: Sesinho, n. 90, 2008, p. 3)

Na história acima (2008, n. 90, p. 3) identificamos mais um enunciado, relacionando agora, o estudo como trabalho, e nele, associamos as atividades e obrigações escolares das crianças e adolescentes como trabalho, pois essas atividades aparecem vinculadas ao esforço, dedicação e a necessidade de descanso, tal como no exercício do trabalho profissional. Isso pode ser apreendido quando a mãe de Sesinho serve o jantar aos filhos, e diz ao menino: “– Você trabalhou bastante na pesquisa da escola hoje, hein, filhão?” O que o menino responde, sonolento: “– Pois é...Uáááá...acho que até vou deitar mais cedo...”, ficando evidente essas enunciações também na materialidade imagética, pelos desenhos que revelam o menino bocejando, dando sinal de estar cansado.

Em outra história de um exemplar anterior (2008, n. 89, p. 3), outro sujeito que ocupa a posição de professora da personagem Nina (que também é sujeito, e que ocupa a posição de aluna), ao lhe entregar uma atividade escolar já corrigida, elogia a dedicação da menina no

trabalho escolar, e diz: “ótimo trabalho, Nina!”. Essa história poderia também compor esse quadro enunciativo, assim como a que aparece no exemplar n. 10 (2001, n. 10 , p. 16), em que Sesinho repreende Ruivo que não se saiu bem na escola, porque não colaborou em uma atividade escolar que era para ser realizada em grupo, e o sujeito Sesinho diz: “– Bem feito! Viu o que dá não trabalhar?”. As três histórias, portanto, indicam para o mesmo enunciado: “O estudo como trabalho”.

Sexto enunciado: “A exploração do trabalho infantil”

O fragmento acima da história em quadrinhos (2002, n. 21, p. 11) que tem como título:



FIGURA 8– (Fonte: Sesinho, n. 21, 2002, p. 11)

“Infantilidade” (grifo do autor), aborda em seu conteúdo sobre a exploração do trabalho infantil. A narrativa trata de um sujeito que, na história, é chamado pelo nome de Régis: ele é ludibriado por outro sujeito vendedor bastante astuto, que o obriga a construir balanços para ele. Para realizar esse trabalho o menino falta às aulas, sendo que a história insinua que esse seria um dos possíveis motivos da evasão escolar. No decorrer da narrativa, dois outros sujeitos, Nina e Luiza, assistem na televisão uma reportagem sobre a exploração do trabalho infantil mostrando, como se vê na figura 8, que em uma “carvoaria trabalham crianças de 10 anos de idade”, e a justificativa do sujeito menino que é “flagrado” com a pá na mão enchendo o carrinho de carvão e está todo sujo, é que ele tem “que trabalhar para ajudar” a seus pais. No decorrer da história aparece outro sujeito que é uma das jornalistas na televisão, acentuando sobre a “exploração do trabalho infantil”, e defendendo que isso “precisa acabar, [pois] lugar de criança é na escola”, e essa reportagem é assistida por Nina e Luiza. Logo após essa história, na seção “Curiosidades” o editor da revista aborda novamente o assunto, reiterando os motivos da “proibição do trabalho infantil”, e também nessa edição da revista, na seção “Atividades”, aparece reinscrito o enunciado: “o trabalho de criança é estudar, certo?” pronunciado pelo personagem Sesinho.

Abrimos um parêntese aqui para salientar a atenção que se precisara ter na leitura e análise com todas as seções internas da revista, além das histórias centrais, pois se a revista tomou essa decisão de reiterar determinados conteúdos em outras seções, é devido à importância dada ao tema.

Sétimo enunciado: “O trabalho como dignificação do homem”



FIGURA 9 – (Fonte: Sesinho, n. 87, 2008, p. 7)

Em outro exemplar (2008, n. 87, p. 7) da revista, intitulado “O cavaleiro das sombras”, já no título percebe-se a intertextualidade com um episódio de um desenho animado da televisão, e interdiscursivamente com um dos filmes do sujeito que virou um mito mundial, o “Batman”, em um dos filmes do diretor Christopher Nolan, Batman (2008) intitulado: “O cavaleiro das trevas”. Com isso, entendemos, no movimento de memória discursiva e também internamente na linguagem materializada de modo imagético e na escrita da narrativa, que é possível apreender e destacar mais um enunciado. Nessa história, a narrativa mostra um sujeito que é um super-herói e, ao invés de ele defender as pessoas dos sujeitos criminosos por meio da violência física, ele as hipnotiza e busca inculcar nelas novos ideais de comportamento, como se vê e se lê no fragmento

da conversa de “Batman” com um assaltante: – “assaltar os outros é covardia e ignorância”, e o sujeito bandido hipnotizado repete a mesma frase. Depois, o “Batman” diz: – “é melhor procurar um curso profissionalizante gratuito e ter um trabalho honesto!”, fala essa que é também reproduzida pelo bandido hipnotizado. Percebe-se assim, que a história quer demonstrar a importância do “trabalho como dignificação do homem”, e no caso, a sugestão é de que isso ocorra por meio dos estudos “de um curso profissionalizante”, como modo de mudar um comportamento transgressor para um comportamento mais digno e cidadão.

As análises demonstraram, por meio da aplicação da teoria da Análise de discurso, que foi possível identificar nas revistas “Sesinho” sete (7) enunciados: “Trabalho em equipe”, “Trabalho com ética e respeito”, “Qualidade de vida pelo trabalho”, a “Educação para o trabalho”, o “Estudo como trabalho”, a “Exploração do trabalho infantil” e o “Trabalho como dignificação do homem”. Todos esses enunciados giraram em torno de um mesmo tema que, como diz Guilhaumau e Maldidier (1994), encontra-se em “posição referencial”, qual seja, o “**Trabalho**”.

A seguir faremos breves considerações finais sobre este trabalho.

Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi o de expor alguns princípios teóricos da Análise do discurso (AD) de linha francesa, quais sejam: “discurso” “enunciado” e “trajeto temático”, advindos, respectivamente, de Pêcheux (1997, 2008), Foucault (1997) e Guilhaumou e Maldidier (1994), aplicando-os na análise de um acervo composto por cinquenta e sete (57) exemplares de revistas em quadrinhos intitulada “Sesinho”, no período de 2001 a 2008.

As contribuições teóricas demonstraram para a importância da: atenção à leitura integral dos textos; possibilidade em se relacionar internamente nas histórias as imagens e as palavras; possibilidade em se relacionar enunciados entre as histórias, visando-se encontrar um referencial (no caso, um tema); precisão bastante acurada advinda das descrições dos enunciados discursivos.

Acolher e analisar os textos sob a perspectiva da Análise do discurso de linha francesa, portanto, implica em outro posicionamento do analista, uma vez que é por meio da análise e da descrição que ele também passa a se inserir no conjunto de discursos possíveis, compondo-o com seu próprio “resultado” analítico, mesclando-se como mais uma voz na rede dos discursos. Neste sentido, gostaríamos de esclarecer que não desconhecemos que os enunciados elencados nas

HQ's revelam; ´ posicionamentos ideológicos nas histórias, luta de classes, produção de sentidos subjacentes advindos de uma instituição voltada ao trabalho, neste trabalho, contudo não foi essa a intenção de analisá-los.

A recorrência aos procedimentos teóricos da AD francesa, portanto, apontou para os seguintes resultados: a) o encontro de temas inclusos nas histórias em quadrinhos, mediante a leitura integral das mesmas, no caso: o trabalho; b) a oferta aos leitores de relações pormenorizadas e diversas sobre um mesmo tema, por meio da identificação de enunciados discursivos, no caso, sete (7) enunciados: “Trabalho em equipe”, “Trabalho com ética e respeito”, “Qualidade de vida pelo trabalho”, a “Educação para o trabalho”, o “Estudo como trabalho”, a “Exploração do trabalho infantil” e o “Trabalho como dignificação do homem”.

Conclui-se que a Análise do Discurso de linha francesa, pode ser um ferramental teórico metodológico e analítico a mais para ser aplicado em grandes coleções, por exemplo, das revistas em quadrinhos.

REFERÊNCIAS

- BATMAN: o cavaleiro das trevas. Direção de Cristofer Nolan. [Estados Unidos]: Warner Bros, 2008. 1 dvd.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. a análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994. p. 163-183.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed., Campinas: UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed., Campinas: Pontes, 2008.
- SESIHO. Brasília: Exaworld multimedia, 2001-. Mensal. ISSN1519-7891.
- SISTEMA FIEP. Centro de memória. **SESI: revista do Sesinho**. 2010. Disponível: <http://www.fiepr.org.br/centrodememoria/FreeComponent8131content48462.shtml> Acesso em: 8 jan 2010.

SESI. Serviço Social da Indústria. **Sesinho**: revista do Sesinho. 2010. Disponível em:

<http://www.sesi.org.br/portal/main.jsp?lumChannelId=8A81818B14AC7B9C0114ACECA6B440A3>.

Acesso em: 8 jan 2010.